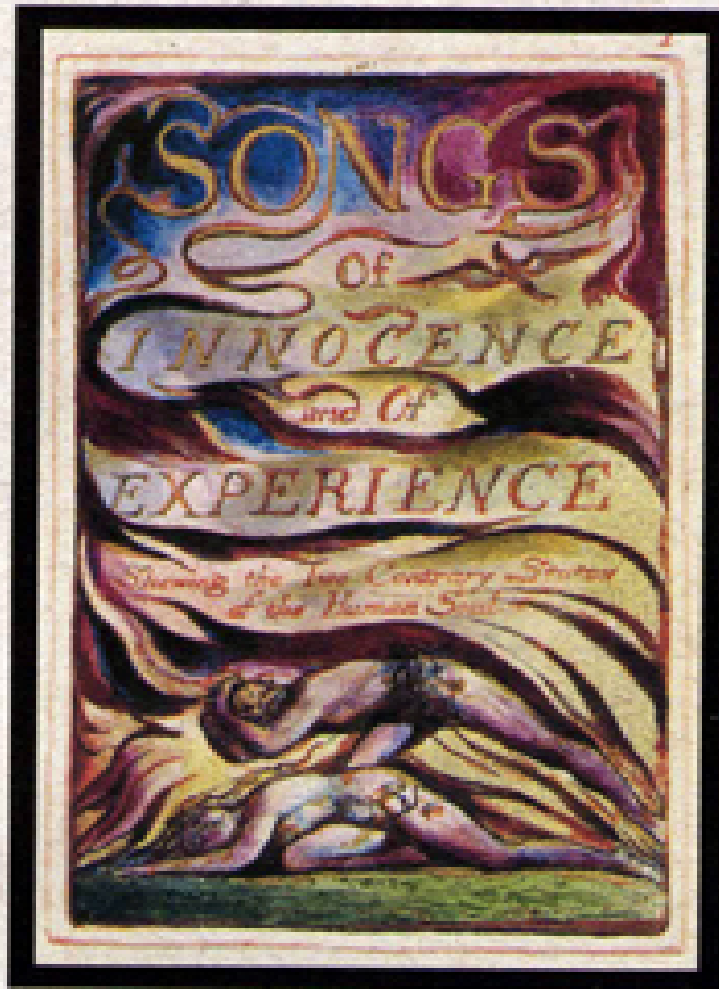


**WILLIAM BLAKE**



**SONGS OF INNOCENCE**

**CANÇÕES DA INOCÊNCIA**



**SONGS OF EXPERIENCE**

**CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA**

Tradução de Renato Suttana

---

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Willi  
am  
Blak  
e

# Canções da Inocência e da Experiência

(2ª edição revista  
e atualizada)

T  
r  
a  
d  
u  
ç

ã  
o  
d  
e  
Ren  
ato  
Sutt  
ana

2  
0  
1  
1

*1ª edição: 2005*

*2ª edição: 2011*

# Índice

## CANÇÕES DA INOCÊNCIA

INTRODUÇÃO

O PASTOR

O ECOANTE VERDOR

O CORDEIRO

O MENININHO NEGRO

O AMOR-PERFEITO

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

O MENININHO PERDIDO

O MENININHO ENCONTRADO

CANÇÃO SORRIDENTE

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

A IMAGEM DIVINA

QUINTA-FEIRA SANTA

NOITE

PRIMAVERA

CANÇÃO DA AMA

INFANTE ALEGRIA

UM SONHO

SOBRE A MÁGOA ALHEIA

CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA

INTRODUÇÃO

A RESPOSTA DA TERRA

O TORRÃO E O SEIXO

QUINTA-FEIRA SANTA

A MENININHA PERDIDA

A MENININHA ENCONTRADA

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

CANÇÃO DA AMA

A ROSA DOENTE

O MOSQUITO

O ANJO

O TIGRE

MINHA BELA ROSEIRA

AH, GIRASSOL

O LÍRIO

O JARDIM DO AMOR

O PEQUENO VAGABUNDO

LONDRES

A ESSÊNCIA HUMANA

MÁGOA INFANTIL

UMA ÁRVORE DE VENENO

UM MENININHO PERDIDO

UMA MENININHA PERDIDA

A IMAGEM DIVINA

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

O ESCOLAR

PARA TIRZAH

A VOZ DO BARDO ANTIGO



# **CANÇÕES DA INOCÊNCIA**

# INTRODUÇÃO

A tocar minha flautinha  
Pelo vale viridente  
Vi nas nuvens  
uma criança.  
Disse-me ela,  
sorridente:

Toque a canção  
do Cordeiro! E  
eu toquei com  
alegria.  
Flautista, toque  
outra vez –  
E chorou, enquanto ouvia.

Deixe a flauta, a  
alegre flauta,  
Cante canções de  
alegria. Toquei o  
mesmo outra vez  
E o vi chorar quando ouvia.

Flautista, sente-se  
e escreva Num  
livro, que o  
mundo leia – E  
então  
desapareceu

E um caniço eu apanhei

E fiz dele a minha pena,  
E turvei as águas mansas,  
E escrevi  
canções  
felizes,  
Para  
alegrar as  
crianças.

# O PASTOR

Que doce a doce lida do Pastor,  
Da madrugada à noite  
ele vagueia: Seus  
carneiros no campo  
pastoreia, E a sua voz  
é cheia de louvor.

Porque ele ouve o balido do cordeiro  
E o replicar da ovelha, e atentamente  
Vigia enquanto pastam  
calmamente, Pois sabem  
que está perto o Pegureiro.

# O ECOANTE VERDOR

O Sol que no céu desponte  
Dá alegria  
ao  
horizonte;  
O sino  
canta a  
canção Da  
florescente  
estação;  
Canta o  
tordo e a  
cotovia, E  
a ave da  
mata  
bravia, Ao  
retumbant  
e clamor  
Dos sinos, por sobre  
os campos;  
Enquanto, jovens,  
brincamos Pelo  
Ecoante Verdor.

O velho João,  
já grisalho,  
Esquece faina e  
trabalho;  
Senta-se entre  
a velha gente À

sombra, no dia  
quente.  
Ao verem nosso folgar  
Se põem a comentar:  
"O mesmo alegre fervor,  
E equivalente alegria  
Em nossa infância se via  
Pelo Ecoante Verdor."

Até que, exaustos os novos,  
Não podendo mais  
com os jogos, No  
ocidente o sol  
declina,  
E nosso folgar termina.  
Em torno ao colo das mães,  
Diversos  
irmãos e  
irmãs,  
Como as  
aves ao  
calor  
Dos ninhos, vão repousar;  
E não se vê mais folgar  
No anoitecido Verdor.

# O CORDEIRO

Cordeirinho,  
quem te fez?  
Tu conheces  
quem te fez?  
Deu-te vida e  
alimentou-te.  
Sobre o prado e junto à fonte;  
Cobriu-te com  
veste pura De  
lã branca que  
fulgura; Deu-te  
a voz meiga e  
tão fina Para  
alegrar a  
campina:  
Cordeirinho,  
quem te fez?  
Tu conheces quem te fez?

Cordeirinho  
, eu te  
direi,  
Cordeirinho  
, eu te  
direi;  
Por teu nome ele é chamado,  
Pois assim se  
tem nomeado:

Ele é meigo e  
pequenino,  
E um dia se fez menino:  
Cordeiro tu e menino eu,  
Nos une um  
nome que é  
Seu.  
Cordeirinho,  
Deus te guarde,  
Cordeirinho, Deus te guarde.



# O MENININHO NEGRO

Minha mãe me gerou lá numa austral devesa,  
E sou negro, mas – oh! – sei que minha  
alma é clara. Clarinha como um anjo é  
uma criança inglesa:  
Mas negro sou, como se a luz não me tocara.

À sombra de um baobá minha mãe me educou  
E sentada comigo ante o calor do dia.  
Tomou-me certa vez ao colo e me beijou,  
E indicando o nascente eis o que me dizia.

Olha o nascer do sol: lá Deus tem sua casa  
De lá nos manda a luz e envia Seu calor,  
Que a árvore e a flor e a fera e o homem tudo abrasa  
Confortando a manhã alegrando o sol-pôr.

Nosso tempo na terra é só uma  
curta estada. Para aprender a  
suportar o amor radioso.  
E este corpo tão negro e esta face queimada  
É uma nuvem somente, e um bosque penumbroso.

Quando tiver nossa alma esse  
ensino aprendido A nuvem se  
esvairá e uma voz há de soar.  
Dizendo: o bosque abandonai gado  
querido.  
E vinde em torno à Minha tenda festejar.

Minha mãe disse assim e me  
beijou a face. E ao menininho  
inglês assim também falei.  
Que quando a nuvem negra e a nuvem  
branca passe, E em torno à tenda se  
ajuntar a Sua grei,

Vou guardá-lo do sol que ele há de  
suportar Quando feliz ao pé de  
nosso pai se ajoelhe. Quero ao seu  
lado as alvas mechas lhe afagar, E  
ele então me amará e eu serei  
como ele.

# O AMOR-PERFEITO

Feliz  
Pardalzin  
ho, Entre  
as folhas  
verdes  
Um  
Amor-  
perfeito  
Te vê rapidinho  
Encontrar teu ninho  
Junto ao meu peito.

Gentil Corruíra,  
Entre as folhas verdes  
Um  
Amor-  
perfeit  
o  
Ouve  
o teu  
suspir  
o,  
Gentil  
Corruír  
a,  
Junto  
ao  
meu  
peito.



# O LIMPADOR DE CHAMINÉS

Eu era bem novo e minha mãe morria,  
E meu pai vendeu-me quando  
eu mal sabia Balbuciar,  
chorando limpa-dor dor dor dor,  
Assim sujo e escuro sou o  
limpador.

Aquele é Tom Dracre, que  
chorou na vez Em que lhe  
rasparam a cabeça: Vês –  
Consolei-o – Tom que é bom  
não ter cabelo, Pois assim  
fuligem não te suja o pêlo.

Assim se acalmou. E numa  
noite escura Tom dormindo  
teve esta visão futura, Que  
mil limpadores Josés Chicos  
Joões Foram confinados em  
negros caixões.

E então veio um Anjo com uma chave branca  
E os tirou do escuro destravando a tranca.  
E então entre risos ao campo saíram  
E entraram num rio e ao Sol reluziram.

Sem sacos às costas, despida a  
camisa Voaram nas nuvens,

brincaram na brisa; Disse o  
Anjo a Tom que, se fosse  
bonzinho, Deus feliz tomava-o  
como seu filhinho.

E Tom despertando foi  
na escuridão Apanhar  
seu saco mais seu  
esfregão, E saiu alegre  
na manhã gelada.  
Quem seu dever cumpre não receia nada.

# O MENININHO PERDIDO

Papai, papai, onde estás indo  
Não posso  
assim correr.  
Fala, papai,  
ao teu  
filhinho, Ou  
hei de me  
perder,

Não havia pai na noite escura  
E a criança se ensopava  
De orvalho, lama e pranto, e ao longe  
Uma névoa exalava.

# O MENININHO ENCONTRADO

Perdido o menininho  
no atoleiro, Guiado  
por brilho obscuro,  
Pôs-se a chorar, mas Deus, sempre presente,  
Surgiu como seu pai de branco e puro.

Beijou a criança e pela mão levou-a  
À mãe, que suspirava,  
Que pálida de mágoa em todo o vale  
Chorando a procurava.



# CANÇÃO SORRIDENTE

Quando se ouve da mata o gargalhar feliz  
E a doce correnteza é uma risada fluida,  
E o ar se ri também com o nosso  
bom humor, E o verde outeiro ri  
ecoando tal rumor.

Quando a campina ri verdejante e contente  
E o gafanhoto ri ao ver a alegre cena.  
E ri Maria e ri Susana e Emília ri,  
Com boca bem redonda a cantar ah, ah, ih.

Quando riem na sombra as  
aves coloridas E a nossa  
mesa está recoberta de  
frutos Vinde alegrar-vos e  
viver, sentai aqui, Cantai  
comigo o doce coro do ah,  
ah, ih.

# UMA CANÇÃO PARA BERÇO

Vinde, vinde,  
doces  
sonhos, O  
meu pequeno  
embalar;  
Doces sonhos  
de risinhos,  
Silentes raios  
de luar.

Com a fronte  
vem lhe tecer  
Uma coroa,  
Anjo meigo,  
Doce, doce  
adormecer,  
Para o seu sono e sossego.

Guardai-o,  
sorrisos ternos,  
Que ele é meu  
gozo sem par;  
Doces sorrisos  
maternos,  
A noite inteira a velar.

Doces queixas  
de pombinhos  
Não o venhais

perturbar;  
Doces queixas,  
sorrisinhos,  
Fazei as  
queixas cessar.

Dorme, dorme,  
meu pequeno,  
Toda a criação  
dormiu; Dorme,  
dorme, bem  
sereno, Tua  
mãe vela por ti.

Em teu rosto,  
pequenino,  
Sagrada  
imagem se vê;  
Quem te criou  
foi menino,  
Chorou por  
mim, meu  
bebê,

Por todos,  
por mim, por  
ti, Quando se  
fez num  
infante; E  
hoje do céu  
te sorri,  
Em tudo vê Seu semblante.

Por todos,  
por mim, por  
ti É que ele

dá o riso  
Seu: Como  
criança sorri,  
A velar por terra e céu.

# A IMAGEM DIVINA

Por Clemência, Piedade, Paz e Amor  
Todos rezamos na aflição;  
E para tais virtudes deliciosas  
Se volta a nossa gratidão.

Pois Clemência, Piedade, Paz e Amor  
É Deus, nosso pai adorado;  
E Clemência, Piedade, Paz e Amor  
O Homem, Seu filho e Seu cuidado.

Pois a Clemência tem um  
peito humano, E o Amor  
forma humana celeste,  
E um rosto humano  
tem a Piedade, E a  
Paz exhibe humana  
veste.

Assim todo homem, pelo  
mundo afora, Que reza em  
sua humana dor,  
Pede só à divina forma humana  
Clemência, Paz, Piedade, Amor.

E amar a forma humana  
devem todos, Sejam  
pagãos, turcos, judeus;

Onde habitam Clemência,  
Amor, Piedade, Ali também  
habita Deus.

# QUINTA-FEIRA SANTA

Foi numa Quinta-feira Santa, iam com as faces bem lavadas, Duas a duas, as crianças, em roupas de cores variadas;  
Mãos brancas e brancos cabelos, à frente os bedéis caminhavam;  
E, entrando a abóbada de Paulo, como a água do Tâmis escoavam.

Que grande multidão somava de Londres essa floração!  
Em companhias assentadas, com brilho próprio e irradiação.  
Rumor de multidão lá havia, porém multidão de ovelhinhas,  
Mil meninos e mil meninas a erguer inocentes mãozinhas.

Agora, como um vento forte, sobem ao Céu suas canções,  
Como entre os bancos celestiais o som de harmônicos trovões.  
Sábios guardiões dos pobres, foram entre eles os velhos sentar.  
Sê pois piedoso e não expulses um anjo de teu limiar.

# NOITE

O sol já se deitou para o poente,  
E a estrela vespertina  
se acendeu; Cada ave  
no seu ninho está  
silente, Porém ainda  
procuro pelo meu.  
A lua –  
flor  
descerra  
da Do  
céu na  
alta  
latada –  
Com  
silencios  
o prazer  
Senta-se, rindo para o anoitecer.

Verde campina, alegre  
bosque, adeus, Onde  
pastaram com deleite os  
gados; E onde agora os  
anjinhos movem seus  
Silenciosos pés iluminados.  
Invisíveis, eles vêm  
Para abençoar também  
Os brotos e as florações  
E mais os adormidos corações.



Em cada quieto ninho vão olhar  
As aves que, aquecidas, lá dormitam,  
E depois nas cavernas vão  
cuidar Também das rudes  
feras que as habitam. Se  
descobrem algum pranto,  
Trazem  
depressa  
acalanto, E  
dão sono a  
quem chorar,  
À cabeceira pondo-se a velar.

E quando o tigre e o lobo  
estão caçando, Eles choram  
de pena e de tristeza,  
Das brancas ovelhinhas afastando  
Os que delas  
fizerem sua presa.  
Se estes atacam  
sem rogo,  
Prestes, os anjos  
vêm logo  
As ternas almas levar,  
Para novos mundos herdar.

E então os rubros olhos do leão,  
Puras lágrimas de ouro hão de verter;  
E, tendo por quem chora  
compaixão, Enquanto as  
furnas corre, irá dizer:  
"O ódio, por Sua  
clemência;  
Por Sua saúde, a doença  
Destes dias imortais  
Foram banidos para nunca mais.



“E agora posso, cordeiro, ao teu lado  
Me deitar e contigo adormecer;  
Pensando em Quem por teu  
nome é chamado, E, chorando,  
ao teu lado então pascer.  
Minha flava juba, abluída  
No eterno rio da vida,  
Sempre há de luzir mais pura,  
Enquanto monto guarda à furna escura.”

# PRIMAVERA

To  
qu  
e  
a  
Fl  
au  
ta  
,  
Q  
ue  
fa  
z  
fal  
ta  
;  
C  
ot  
ov  
ia  
Noite e Dia;  
R  
o  
u  
x  
i  
n  
o  
l  
N  
o

a  
r  
r  
e  
b  
o  
l  
;  
A  
v  
e  
a  
v  
o  
a  
r  
,  
E  
a  
c  
a  
n  
t  
a  
r  
,

Para saudar alegre, alegremente o Ano.

M  
e  
n  
i  
n  
i  
n  
h  
o

A  
l  
e  
g  
r  
i  
n  
h  
o  
;  
M  
e  
n  
i  
n  
i  
n  
h  
a  
T

ão meiguinha;

C  
a  
n  
t  
a  
o  
G  
a  
l  
o  
,  
I  
m  
i  
t  
á  
-

I  
o  
;  
L  
i  
n  
d  
a  
v  
o  
z  
T  
e  
n  
d  
e  
s  
v  
ó  
s

Para saudar alegre, alegremente o Ano.

V  
e  
m  
,  
C  
o  
r  
d  
e  
i  
r  
o  
,  
B  
e

m  
l  
i  
g  
e  
i  
r  
o  
;  
L  
a  
m  
b  
e  
n  
t  
ã  
o  
M  
i  
n  
h  
a  
m  
ã  
o  
;  
B  
r  
a  
n  
c  
o  
P  
e  
l



o  
,  
Q  
u  
e  
r  
o  
v  
ê  
-  
l  
o  
;  
D  
o  
u  
u  
m  
b  
e  
i  
j  
o  
N  
o  
t  
e  
u  
q  
u  
e  
i  
x  
o  
:

Para saudar alegre, alegremente o Ano.

# CANÇÃO DA AMA

Quando se ouvem nas campinas os risos dos pequeninos  
E suas vozes também,  
Meu coração satisfeito se aquieta  
dentro do peito, E tudo o mais está  
bem.

“Então a casa tornai, crianças, que o sol descai,  
E o orvalho da noite desce;  
Deixai os jogos por ora, e vamos  
todos embora, Até que a manhã  
regresse.”

“Não, não, deixa-nos brincar, pois ainda há sol  
a brilhar, E não podemos dormir;  
E os céus azuis se povoam dos passarinhos  
que voam, E ouve-se a ovelha balir.”

“Bem, ide ao campo e brincai, enquanto a luz não se vai,  
E após correi para a cama.”  
E os pequeninos saltaram, e sorriram,  
e gritaram, Fazendo ecoar a  
montanha.

# INFANTE ALEGRIA

“Não tenho nome:  
Só de  
dois  
dias  
sou.”  
Como  
te  
chama  
rei?  
“Sou  
só  
feliz,  
Alegria é meu nome.”  
Que sejas bem feliz!

Meiga Alegria!  
Doce, e só de dois dias.  
Doce  
Alegria  
chamo-  
te.  
Enquant  
o ris,  
Entoo um canto;  
Que sejas bem feliz!

# UM SONHO

Um dia um sonho se teceu  
Em torno ao leito em  
que eu dormia: Que uma  
formiga se perdeu  
Num vasto campo onde eu me via.

Confusa, incerta,  
abandonada, E  
sem saber por  
onde andar  
Naquela selva  
desgrenhada,  
Com muita pena,  
ouço-a falar:

“Ó meus filhinhos!  
choram tanto? Não  
ouvem suspirar seu  
pai? Buscam em  
volta, com espanto:  
Voltai, pois, e por  
mim chorai.”

Chorei também,  
de pena pura;  
Mas veio um  
vaga-lume então  
E disse: “Que  
erma criatura

Convoca da noite  
o guardião?

“Minha missão é  
lançar brilho,  
Enquanto faz ronda  
o besouro: Segue  
portanto o seu  
sussurro; Retorna  
ao lar, triste  
andarilho.”

# SOBRE A MÁGOA ALHEIA

Posso ver chorar alguém  
E triste não  
estar  
também?  
Posso ver o  
outro sofrer  
E um consolo não trazer?

Posso ver correr o pranto  
E não chorar o meu tanto?  
Pode um pai ver seu rebento  
Chorar, sem sofrer tormento?

Pode a mãe sentar-se e ouvir  
De medo um filho vagir?  
Não, não  
pode ser  
assim,  
Nunca,  
nunca ser  
assim!

Pode Quem  
a tudo rira  
Ouvir  
gemer a  
corruíra,  
Ouvir  
gemer a

avezinha  
Ou o  
infante que  
definha,

Sem recobrir a ninhada  
De uma piedade inflamada;  
Sem junto ao berço sentar-se  
E todo em pranto inflamar-se;

Sem se  
sentar noite e  
dia, Secando  
nossa  
agonia? Oh,  
não pode ser  
assim!  
Nunca, nunca  
ser assim!

Ele, que a alegria traz,  
Que infante  
também se faz;  
Que se torna  
homem de dor,  
Que sente nosso amargor.

Não há suspiro que dê  
Sem que o veja  
Quem te fez;  
Não há pranto  
derramado  
Sem que Ele esteja ao teu lado.

Oh! Que Ele dá sua alegria

E destrói  
nossa  
agonia.; Até  
que a dor vá  
embora, Fica  
ao nosso lado  
e chora.



# **CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA**

# INTRODUÇÃO

Escutai a voz  
do Bardo!  
Que vê  
Presente e  
Passado, E o  
Futuro, e que  
escutou O  
antigo Verbo  
Sagrado  
Quando entre as velhas árvores andou,

Chamando em pranto a extraviada  
Alma, na noite rociada;  
Que tinha controle sobre  
O ástreo céu que nos cobre  
E renovara a luz já degradada!

“Ó Terra,  
Terra,  
retorna!  
Levanta da  
relva e  
torna, Que  
a noite fria  
definha  
E a clara alvorada, morna,  
Por sobre as negras massas se adivinha.

“Não fujas,  
não fujas  
mais; Se  
foges, para  
onde vais?  
O firmamento que se abre  
E os úmidos litorais  
Hão de ser teus até que a noite acabe.”

# A RESPOSTA DA TERRA

A Terra ergueu a cabeça  
Da escuridão  
funda e espessa.  
Em pétéreo pavor,  
profundo, Sua luz  
era dispersa.  
Branqueou-lhe a fronte um desespero fundo.

“Por litorais resguardada  
E pelos céus vigiada,  
Que me encanecem, consomem,  
Ouço, já velha e cansada,  
Chorando, a voz do Pai do antigo Homem!

“Ó Pai dos  
homens,  
ciumento! Ó  
temor cruel e  
rude!  
Pode o deleite gerar  
As virgens da juventude  
E da aurora, se a noite o acorrentar?

“Não ri a  
flórea  
estação  
Ao ver a  
flor e o

botão?  
Acaso o  
semeado  
r Semeia  
na  
escuridã  
o  
E ara na noite negra o lavrador?

“Quebra a  
corrente  
fatal Que  
me regela,  
ancestral.  
Egoísta e  
vã,  
peçonhent  
a! Qual  
maldição  
eternal  
Que à servidão o Amor Livre acorrenta.”

# O TORRÃO E O SEIXO

“O Amor não se devota ao gozo do Eu  
Nem pela própria causa é denodado,  
Mas por outrem desdobra o seu cuidado  
E aos despeitos do Inferno traz um Céu.”

Assim cantava um pequeno Torrão  
Pisado pelo gado com desleixo;  
Mas, em meio à corrente, ouviu-se um Seixo  
Modular estes metros de canção:

“O amor só quer o gozo do  
Eu eterno E em agrilhoar  
os outros se compraz; De  
outrem vem destruir  
repouso e paz, E a  
despeito do Céu traz um  
Inferno.”

# QUINTA-FEIRA SANTA

É coisa  
santa de  
ver Em rico  
e fértil  
torrão  
Bebês de  
fome  
morrer,  
Tratados  
com dura  
mão?

É uma  
canção tal  
lamento?  
Pode ser de  
gentileza?  
Tanta  
criança ao  
relento? É  
uma terra  
de  
pobreza!

E o seu sol é  
bem fraquinho,  
E o seu campo  
nada dá,

E há espinhos nos  
seus caminhos: E é  
eterno inverno por lá.

Pois onde quer  
que o sol brilhe,  
Onde quer que a  
chuva jorre,  
Há sempre alguém  
que partilhe, Nem  
de pobreza se  
morre.



# A MENININHA PERDIDA

Qual numa profecia  
Minha voz anuncia:  
Que a terra, hoje suspensa  
(Gravai esta sentença)

No sono, há de acordar  
E seu Criador buscar;  
E a árdua charneca má  
Verde jardim será.

Lá pelo  
sul  
ardente  
Onde o  
verão é  
quente E  
nunca  
arrefece  
u, Meiga  
Lyca  
nasceu.

Sete  
verões  
apenas  
Contava tal  
pequena.  
Longe  
vagueara e

ouvira Dos  
pássaros a  
lira.

“Sob esta  
árvore  
imensa  
Venha o sono  
e me vença.  
Meu pai,  
mamãe,  
pranteia?  
Onde é que  
dormirei?

“No  
deserto  
que  
cansa Se  
perdeu a  
criança.  
Pode  
Lyca  
dormir  
vendo  
sua mãe  
carpir?

“Se o  
coração lhe  
aperte,  
Que Lyca  
então  
desperte;  
Se minha  
mãe

dormir, Não  
irei mais  
carpir.

“Ó noite  
taciturna  
, Sobre a  
clareza  
diurna,  
Faze a  
lua  
surgir,  
E eu possa então dormir.’

E Lyca  
adormecera,  
Enquanto as  
rudes feras  
Das cavernas  
de em torno  
Espreitaram  
seu sono.

Altivo, o leão surgiu  
E a doce virgem viu,  
E  
cabriolava,  
a,  
entanto,  
Naquele  
solo  
santo.

Tigres,  
leopardos vão  
Brincando;  
enquanto o  
leão, Ao redor  
da que dorme,  
Baixou a juba  
enorme

E lambeu o  
seu peito E  
o pescoço  
perfeito,  
Com os  
olhos  
rutilantes  
De  
lágrimas  
flamantes;

E eis que a leoa veio  
E lhe despiu o seio;

E, nua, a conduziram  
Às furnas de onde vieram.

# A MENININHA ENCONTRADA

Por toda a noite erraram  
Os pais de Lyca e andaram  
Dos vales cada canto  
E os desertos em pranto.

Cansado  
s e  
exaurido  
s Por  
gritos e  
gemidos,  
Correram  
sete dias  
As mais remotas vias.

Sete dias dormiram  
Entre as sombras e a viram,  
Num sonho, definhar  
Num deserto lugar.

Pálida, entre  
as quebradas  
Vaga a  
imagem  
sonhada,  
Faminta,  
triste,  
exausta  
De mágoa e espera infausta.

Indormid  
a, a  
mulher  
Não se  
podia  
erguer  
Sobre os  
pés, e se  
via Que  
não mais  
andaria.

Nos braços a tomava  
O homem, que a dor armava:  
Até que à sua frente  
Surge um leão de repente.

Voltar  
seria  
embalde:  
Logo,  
com a  
juba  
jalde, Ao  
chão ele  
os  
lançou  
E ao lado se postou,

A farejar a presa;  
Seu pranto se represa  
Vendo eles que o leão  
Lambia suas mãos.

No assombro que os sustém  
Viram seus  
olhos bem E  
que o pelame  
louro Guardava  
uma alma de  
ouro.



Sobre  
a  
frente  
se via  
Uma  
coroa,  
e  
descia  
A juba  
pelos  
ombro  
s;  
Arrefeceu-se o assombro.

“Segui-  
me”,  
disse o  
rei; “Por  
ela não  
choreis;  
Em meu palácio enorme  
Vossa filhinha dorme”.

E acompanhando vão  
Os passos da visão  
Até que a descobriram  
Entre as feras dormindo.

Desde  
então têm  
vivido Num  
lugar

esquecido;  
Sem medo  
ao lobo  
bravo E ao  
leão de  
urro cavo.

# O LIMPADOR DE CHAMINÉS

Uma coisa negra sobre a neve clara  
Grita: "Limpa-dor!", com acentos de dor!  
"Onde estão teus pais?", alguém lhe  
perguntara. Foram para a Igreja  
cantar seu louvor.

"Porque eu era alegre, porque eu era forte  
E sorria sobre neves de alva cor,  
Me vestiram estes  
vestidos de morte, Me  
ensinaram cantos e  
notas de dor.

"E porque me alegro, porque danço e canto,  
Supõem que disso não me vem injúria.  
Vão louvar a Deus, mais ao  
Vigário, e ao Rei, Que fazem um  
céu com a nossa penúria."

# CANÇÃO DA AMA

Quando se ouvem nas campinas as vozes dos  
pequeninos, E na distância o vale chora,  
Os dias de juventude em minha mente ressurgem,  
E meu rosto se descolora.

“Então a casa tornai, crianças, que o sol descai,  
E o orvalho desce já do céu;  
Vosso dia e primavera passais entre  
brincadeiras, E a noite e o inverno sob  
um véu.”

# A ROSA DOENTE

Ros  
a,  
está  
s  
doe  
nte!  
O  
ver  
me  
invis  
ível  
Que voa, inclemente,  
Na noite terrível

Enc  
ontr  
ou  
teu  
leito  
De  
róse  
o  
praz  
er:  
Seu  
amo  
r  
secre  
eto

Dest  
rói  
teu  
viver

.

# O MOSQUITO

M  
o  
s  
q  
u  
i  
t  
i  
n  
h  
o  
,  
T  
u  
a  
a  
l  
e  
g  
r  
i  
a

Meu dedo incauto  
Varreu do dia.

Não sou eu  
Tão leve assim?  
Ou não és homem  
Igual a mim?

Po  
is  
q  
ue  
da  
nç  
o,  
E  
be  
bo  
,  
e  
en  
to  
o,  
At  
é  
q  
ue  
u  
m  
de  
do  
Va  
rr  
a  
m  
eu  
vo  
o.

Se o pensamento  
Põe vivo e forte  
A quem sem ele  
Só tem a morte;



E  
nt  
ão  
fel  
iz  
M  
os  
q  
ui  
to  
so  
u:  
Se  
es  
to  
u  
vi  
vo  
,  
Se  
m  
or  
to  
es  
to  
u.

# O ANJO

Tive um sonho! Não sei  
que quer dizer. Que nele  
eu era a virginal Rainha,  
E um Anjo meigo vinha me entreter,  
Sem me entreter da oculta dor que eu tinha.

E meu pranto manava noite e dia,  
E ele vinha secar meu choro quente;  
E dia e noite meu  
pranto corria, E dele  
eu ocultava meu  
deleite.

Então, alçando as asas,  
foi-se embora, E o  
amanhecer chegou, rosado  
e ledó; Sequei o pranto, e  
fiz uma armadura, Dando  
escudos e lanças ao meu  
medo.

Logo ele retornou, mas  
foi em vão; Eu já me  
armara, quando  
ressurgiu; Da juventude  
fora-se a estação,  
E de cãs minha frente se cobriu.

# O TIGRE

Tigre! Tigre! clarão feroz  
Nas florestas da noite atroz,  
Que mão, que olho imortal teria  
Forjado a tua simetria?

Em que funduras,  
em que céus O fogo  
ardeu dos olhos  
teus? Com que asa  
ousou ele aspirar?  
Que mão ousou o  
fogo atear?

Que ombro, que arte deu tal torção  
Às fibras do teu coração?  
E, o teu coração já batendo,  
Que horrenda mão? que pé horrendo?

E qual martelo? E  
qual corrente? Em  
que forja esteve tua  
mente? Qual  
bigorna? Que  
ousado ater Seus  
terrores ousou  
conter?

Quando os astros se desarmaram

E o céu de  
lágrimas  
rociaram, Riu-se  
ao ver sua obra  
talvez? Fez o  
Cordeiro quem te  
fez?

Tigre! Tigre! clarão feroz  
Nas florestas da noite atroz,  
Que mão, que olho imortal teria  
Forjado a tua simetria?

# MINHA BELA ROSEIRA

Uma flor me foi ofertada  
Que maio jamais  
viu tão bela; Eu  
disse: "Já tenho  
Roseira" – E  
assim desdenhei  
recebê-la.

De minha Roseira  
tão bela Cuidei,  
dia e noite,  
zeloso; Porém  
minha Rosa  
deixou-me: Seus  
espinhos foram  
meu gozo.

# AH, GIRASSOL

Ah, Girassol, que o  
tempo exaure! Que  
medes do sol a  
passada;  
E buscas aquele áureo clima  
Que é o rumo de nossa jornada:

Lá onde a ardente Juventude  
E a Virgem que em neve se veste  
Do túmulo se erguem e aspiram  
Ao rumo que só tu soubeste.

# O LÍRIO

A Rosa frágil tem o espinho por defesa,  
A humilde Ovelha exhibe o chifre  
ameaçador; Porém ao branco  
Lírio é suficiente o Amor –  
Não há espinho ou ameaça a turvar-lhe a beleza.

# O JARDIM DO AMOR

Um dia entrei no  
Jardim do Amor E vi  
lá dentro o que  
nunca vi: Uma  
Capela fora erigida  
Em meio ao verde que conheci.

Dessa Capela os portões fechados,  
Com "Tu não deves" gravado à entrada,  
Voltei-me para o  
Jardim do Amor,  
Buscando alguma flor  
lá plantada;

E pude ver em lugar de flores  
Lousas e túmulos numerosos;  
E Padres de negro faziam a  
ronda, Atando entre cardos  
meu querer e gozo.



# O PEQUENO VAGABUNDO

Ó Mamãe, Mamãe, eis que a  
Igreja é tão fria, E é bem mais  
quentinho na Cervejaria;  
Tu sabes que a isso já me acostumei,  
Embora tal uso não seja de lei.

Mas se fogo e assento nos dessem na Igreja  
E a beber um gole da boa Cerveja,  
Era canto e reza todo santo dia,  
Ee ninguém da Igreja se escafederia.

E o Pastor pregava, bebendo  
e cantando, E todos alegres,  
quais aves em bando;  
E dona Abandono, que a igreja não deixa  
Não teria filhos, nem jejum, nem queixa.

E Deus, como um pai, bem  
contente vendo Seus filhos  
como Ele no prazer vivendo,  
Não teria brigas com o Diabo e  
a Barrica,  
Mas lhe dava um beijo, um trago e roupa rica.

# LONDRES

Nas ruas por que passo,  
escuradas, Onde o  
Tâmisa corre, escriturado,  
Vou reparando as faces maceradas,  
Que a aflição e a moléstia têm marcado.

Em cada grito de  
Homem ou no grito Do  
Infante que de medo se  
lamente, Em cada voz  
ou em cada interdito,  
Ouço os grilhões  
forjados pela mente.

Se grita o Limpador de chaminés,  
Se assusta cada Igreja em  
seus escuros; Quando  
suspira o Soldado, infeliz,  
O sangue tinge do Palácio os muros.

Mas o que à meia-noite  
escuto mais É a meretriz  
lançar praga funesta,  
Que do Recém-Nascido  
estanca os ais E os  
funerais do Casamento  
empesta.

# A ESSÊNCIA HUMANA

Não era necessário  
haver Piedade, Se a  
Pobreza não fosse  
cultivada; E se  
houvesse geral  
felicidade,  
A Clemência seria aposentada.

A paz somente advém do  
mútuo medo, Enquanto o  
amor egoísta é dominado;  
E então a Crueldade trama  
o enredo  
E lança suas iscas com cuidado.

Entre temores santos,  
senta e chora, De  
lágrimas regando a terra  
inteira; E a raiz da  
Humildade se elabora  
Debaixo de seus pés, em meio à poeira.

Em torno à sua frente uma penumbra  
De Mistério começa a se espalhar;  
E a Lagarta e o Mosquito se  
deslumbram, E do Mistério  
vêm se alimentar.

E então produz do Engodo a  
grande fruta, Bem doce ao  
paladar e bem rosada;  
E o Corvo ali constrói sua casa, oculta  
Em meio à sombra mais fechada.

Quando os Deuses de terra e mar buscaram  
Ttal árvore por toda a Natureza,  
Foi em vão que por ela  
procuraram: Na Mente  
do Homem uma se  
enraíza.

# MÁGOA INFANTIL

Minha mãe lamentou,  
chorou meu pai Quando  
saltei no mundo cheio de  
ais; Berrando, inerte,  
pálido e despido,  
Como um elfo entre as nuvens escondido.

Lutando contra as mãos que me  
amparavam, Forcejando entre os  
cueiros que me atavam, Enleado  
e exausto, considereei bem  
E no seio afundei de minha mãe.

# UMA ÁRVORE DE VENENO

Tive ódio ao  
meu amigo:  
Disse-lhe, e o  
ódio findou.  
Tive ódio ao  
meu inimigo:  
Não lhe disse, e o ódio aumentou.

Dia e noite lhe  
dei a água, Do  
medo e de  
minha mágoa;  
Dei-lhe o sol do  
riso claro,  
Que é só do engodo o anteparo.

E a árvore  
cresceu noite e  
dia, E produziu  
grande pera;  
Meu  
inimigo,  
que a  
via,  
Soube  
de quem  
ela era;

E entrou pelo meu pomar  
Na hora em que o dia se vela;  
E na aurora o fui achar  
Bem estirado sob ela.

# UM MENININHO PERDIDO

“Não amamos ninguém mais que a nós mesmos,  
Nem temos por ninguém  
mais devoção, Nem parece  
possível ao Pensar  
De um pensar superior ter a intuição.

“Como, meu Pai, te posso  
amar, ou como Ter pelos  
meus irmãos a alma  
inflamada? Amo-te apenas  
como uma avezinha  
Que vem bicar farelos na calçada.”

Sentou-se o Padre ao lado,  
ouvindo a criança, E, trêmulo,  
afagou o seu cabelo.  
Conduziu-a, suspensa  
pela manga; E muito  
se admirou tão sacro  
Zelo.

De pé junto ao altar, disse ele assim:  
“Meu Deus! com que demônio aqui deparo;  
Alguém que em pensamento quer julgar  
Nosso Mistério mais sagrado e raro.”

Não se ouviu a criança  
que chorava, Seus pais a



prantearam mas em vão;  
Despiram-na de sua  
camisinha  
E a prenderam com os ferros de um grilhão;

E a queimaram naquele local santo  
Onde tantos outrora pereceram:  
Seus pais a prantearam  
mas em vão. Tais coisas  
em Albion é que  
ocorreram?

# UMA MENININHA PERDIDA

*Ó crianças do futuro!  
Lendo o que vos  
vou contar, Sabei  
que um dia o  
Amor puro Por  
crime se ousou  
tomar!*

Numa Idade de  
Ouro, quando O  
inverno era morno e  
brando, Qualquer  
jovem e donzela,  
Banhavam-se nus  
naquela Sagrada luz  
do sol que nada  
vela.

Um dia um  
jovem casal,  
Cheio de  
amor  
fraternal,  
Num claro  
jardim se  
achou De  
que a luz  
santa afastou  
As cortinas que a noite entrecerrou.

Ali, no dia  
chegado,  
Brincaram  
sobre o  
gramado;  
Nenhum pai por  
perto estava,  
Estranho algum  
lá chegava,  
E a donzela seus medos olvidava.

Cansados de doces beijos  
Manifestam seus desejos  
De encontrar-se quando o fundo  
Sono paire sobre o mundo  
E, exausto e só, pranteie o vagabundo.

Ao encanecido pai  
A clara donzela vai;  
Mas dele o olhar de ternura  
Como a sagrada escritura  
Fez tremer de terror sua ossatura.

“Ona! pálida e tremente!  
Fala ao teu pai: Oh, que ingente  
Mmedo de ti se apropria!  
Oh, que inquietude sombria  
De minhas cãs as raízes arreperia!”

# A IMAGEM DIVINA

A Crueldade tem um peito humano,  
E o Terror forma humana tem celeste,  
E um rosto humano exhibe a  
Desconfiança, E recobre o  
Segredo humana veste.

A veste humana se forjou no ferro,  
A forma humana numa ardente forja,  
Selou o rosto humano  
uma fornalha, E o peito  
humano sua faminta  
gorja.

# UMA CANÇÃO PARA BERÇO

Dorme,  
meu belo  
fulgor,  
Sonhando  
gozos e  
amor;  
Dorme na noite, e em teus sonhos  
Chorem pesares tristonhos.

Pequenino, em teu rostinho  
Doces ânsias adivinho,  
E alegrias, peraltagens,  
Mil pequenas traquinagens.

Enquanto afago  
os teus braços,  
Da manhã  
descubro traços  
Em teu sorriso, e em teu peito  
Teu coração insuspeito.

Ó traquinagens  
que estão  
Crescendo em  
teu coração!  
Quando ele  
enfim  
despertar, Virá

a luz com seu  
pesar.

# O ESCOLAR

É bom sair de  
manhãzinha,  
Ouvindo as  
aves a cantar  
E ao longe a trombeta de caça  
E ver a cotovia no ar  
Que cedo vem me acompanhar.

Mas ir à escola  
de manhã,  
Como destrói  
minha alegria;  
Sob um olhar  
cruel, aceso,  
Passam os  
novos todo o  
dia Em  
desgosto e  
melancolia.

Passar às vezes  
longo tempo  
Sentado, ouvindo,  
aborrecido,  
Indiferente à sala  
de aula  
E indiferente ao livro lido  
E ao quadro-negro tão comprido.

Como há de uma ave que nasceu  
Para a alegria achar prazer  
Numa gaiola, ou  
uma criança,  
Baixando as asas,  
esquecer Que é  
tempo só de  
florescer?

Ó pai, ó mãe,  
se for  
cortada Logo  
em botão a  
jovem flor E  
a planta nova  
desbastada  
De seus  
brotos e seu  
vigor Pelo  
desgosto e  
pela dor,

Como há de o tépido verão  
Ter no prazer o  
seu momento?  
Como na dor  
colher o fruto  
Que nos trouxe o  
florescimento, Quando  
chegar o inverno e o  
vento?



# PARA TIRZAH

Tudo o que  
Provém de  
Geração Há de a  
escura Terra  
consumir, Para vir  
de novo e  
ressurgir: Que  
devo fazer  
contigo então?

Os Sexos, do  
Orgulho originados  
E do Erro, perduram  
só um dia; Mas da  
Morte a Graça os  
alivia; Dores e  
fadigas são seus  
fardos.

E tu, Mãe de minha  
Mortal sina, Que de  
maldade me fizeste o  
Peito E só com  
lágrimas de despeito  
Me trancaste Ouvido, Olho, Narina;

Me selaste a Língua  
em barro vã, Para à

Mortal Vida me  
entregar; Mas Jesus  
morto vem me livrar;  
Que devo fazer  
contigo então?

# A VOZ DO BARDO ANTIGO

Vinde, juvenil prazer,  
E vede a  
manhã  
nascer  
Como um  
reflexo  
luzente Da  
verdade  
transparent  
e. Fogem  
dúvida e  
cisão,  
Disputa e os  
véus da  
razão. É  
labirinto a  
loucura  
Que entre  
brenhas se  
procura. Quantos  
tombaram por lá!  
A noite toda a pisar  
Pilhas de ossos, vão buscar  
O que na noite não está;  
E acham seus  
próprios cuidados.  
Querem os outros  
guiar,  
Quando deviam ser guiados.